

‘Rasgos’ literários na prosa jornalística: representações narrativas em *Radical Chique*¹

Francisco Aquinei Timóteo Queirós²
Francielle Maria Modesto Mendes³

Resumo:

A finalidade do presente artigo é estudar os aspectos formais que aproximam a narrativa jornalística das práticas literárias, tendo-se como parâmetro de análise o livro *Radical Chique e o Novo Jornalismo*, de Tom Wolfe. Busca-se investigar a obra em estudo sob o viés de textos basilares das áreas de teoria literária e da narrativa, tomando os autores Mikhail Bakhtin e Hayden White como referenciais para se compreender as imbricações entre as narrativas jornalísticas, históricas e literárias. Com o estudo, pretende-se alcançar uma melhor compreensão acerca dos mecanismos ficcionais que sustentam e aproximam os discursos jornalísticos e literários, ressaltando-se as questões da linguagem, da polifonia e do dialogismo. Verifica-se que a obra de Tom Wolfe tende a reconstruir novas representações, sobretudo, para o imaginário e para a confecção da intriga jornalística. Desse modo, é por intermédio da hibridização das práticas literárias e factuais que *Radical Chique e o Novo Jornalismo* propõe novos caminhos, aponta para novas possibilidades e garante na tessitura da prosa discursiva a pluralidade de distintas visões de mundo, consciências e de vozes sociais.

Palavras-chave: Novo Jornalismo; Radical Chique; Tom Wolfe.

Abstract:

The purpose of this paper is to study formal aspects approaching the journalistic narrative of literary practice, taking as a parameter for analysis *Radical Chique and the Novo Jornalismo*, by Tom Wolfe. The objective is investigate the work in study in the areas of literary theory and narrative, taking the authors Mikhail Bakhtin and Hayden White as reference for understanding the overlapping of journalistic, literary and historical narratives. With this study, we intend to achieve a better understanding of the mechanisms that sustain fictional and journalistic approach and literary discourses, emphasizing the issues of language, dialogism and polyphony. The work of Tom Wolfe tends to reconstruct new representations, especially for the imaginary and the confection of journalistic intrigue. Thus, it is through the hybridization of literary and factual practices that *Radical Chic and the New Journalism* proposes new ways, points to new possibilities and ensures the fabric of discursive prose plurality of distinct worldviews, social conscience and voices.

Keywords : New Journalism ; Radical Chic ; Tom Wolfe .

Recebido em: 19/03/2014

Aceito em: 30/04/2014

1 Este trabalho faz parte das ações do Grupo de Pesquisa Comunicação, Cultura e Sociedade, ligado ao curso de Comunicação Social/Jornalismo, da Universidade Federal do Acre (UFAC).

2 Doutora em História Social, Mestre em Letras, graduada em Letras, Jornalismo. Professora do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Acre - UFAAC.

3 Professor Mestre em Letras pela Universidade Federal do Acre, graduado em Jornalismo pela mesma instituição, onde também é professor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH).

Introdução

O presente artigo intitulado **‘Rasgos’ literários na prosa jornalística: representações narrativas em Radical Chique**⁴ pretende problematizar os aspectos narrativos – relacionando-os à estética do acontecimento jornalístico e cotejando-os a partir de aspectos literários e históricos. Também serão discutidas as convergências entre as narrativas jornalística, literária e histórica, tendo-se como escopo mostrar as imbricações entre o romance realista e a narrativa jornalística, na constituição da trama do livro-reportagem do *corpus* em estudo.

O debate sobre os aspectos movediços que aproximam o discurso ficcional da história e da literatura é pródigo na crítica literária, jornalística e historiográfica. Hayden White (1994) pontua que as narrativas históricas mantêm uma relação mais íntima com a literatura do que com a ciência porque se configuram manifestamente como “ficções verbais”. Constata-se que o Novo Jornalismo⁵ constitui uma categoria híbrida por lidar com técnicas literárias e jornalísticas, amalgamando o fictício na construção da narrativa de jornal. As descrições e as narrativas também são perpassadas pela ficcionalização de aspectos específicos inerentes à realidade histórica.

Teóricos como Mikhail Bakhtin e Hayden White servirão de base para o desenvolvimento do estudo referente à obra aqui arrolada.

Bakhtin e Hayden White: polifonia, dialogismo e representações narrativas em Radical Chique

Em Bakhtin (2010) salienta-se a ideia de polifonia, tecendo mosaicos sociais ricos em ângulos dialógicos. Importa destacar que, na obra de Tom Wolfe (2005), a multiplicidade de vozes concretiza uma alquimia de visões de mundo – que resultam em uma nova mistura de vozes, em um novo diálogo. E nesse novo diálogo, a realidade emerge e se concretiza como um relato polifônico de forte poder digressivo-consensual em que se imbricam as vozes das personagens, do autor, do texto e do

4 No livro, Tom Wolfe (2005) descreve a festa oferecida pelo milionário casal Leonard e Felicia Bernstein ao Partido *Black Panther*, um dos mais violentos grupos de valorização da cultura afro-americana surgidos na seqüência da luta pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. O ápice dessa relação é observado (e retratado por Wolfe, presente no evento) na festa oferecida pelo casal Bernstein em seu apartamento, na Park Avenue, em Nova York. A reportagem *Radical Chique* realiza um comentário social sobre um comportamento típico do fim dos anos de 1960, proveniente da assimilação dos movimentos de contracultura e de um esforço por parte de uma elite nova-iorquina em abraçar iniciativas sociais, como forma de simular uma aparente modernidade e sofisticação intelectual. Considera-se essa reportagem como uma das mais significativas obras da corrente do Novo Jornalismo.

5 Juan de Moraes Domingues (2012), explica que entre o fim da década de 50 e início dos anos 60 do século XX, nos Estados Unidos, a narrativa jornalística literária ganhou impulso a partir de um movimento que alterou a construção textual da informação publicada por veículos impressos, especialmente jornais e revistas. Gay Talese, Tom Wolfe, Philip Roth, Jimmy Breslin, John Hersey, Norman Mailer, Lillian Ross, Hunter Thompson, Truman Capote e Joseph Mitchell se tornaram alguns dos mestres em utilizar recursos da literatura na produção de seus textos. O método ficou conhecido como o Novo Jornalismo. Para alguns autores, o Novo Jornalismo foi um movimento engendrado na década de 60, nos Estados Unidos, e que mudou a forma de escrever narrativas jornalísticas. Marcelo Bulhões (2007, p. 145), no entanto, contraria a tese de “movimento”, uma vez que não houve, segundo ele, em nenhum momento, um delineamento de ideias estabelecidas por um grupo coeso de representantes. Para esse autor, o Novo Jornalismo foi uma atitude que se processou na fluência de uma prática textual desenvolvida em alguns jornais e revistas americanas, inicialmente com os textos das chamadas reportagens especiais publicadas na *Esquire* e no *Herald Tribune*.

público leitor. A narrativa converte-se em uma arena agonística, em que se embatem os sujeitos, os discursos e as realidades de mundo.

Bakhtin (2010) caracteriza a polifonia como a multiplicidade de vozes e consciências independentes que representam pontos de vista sobre o mundo. A polifonia arquiteta o diálogo que se estabelece entre distintas visões de mundo.

Segundo o autor russo, a linguagem é preponderantemente dialógica, porque se manifestam nela, as relações sociais do discurso e as relações constitutivas de sentido. Bakhtin complementa destacando que “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre o locutor e o interlocutor. Se ela se apóia sobre o locutor numa extremidade, na outra apóia-se sobre o interlocutor” (BAKHTIN, 2003, p. 113).

Hayden White (1994) serve de parâmetro para se compreender como a ficção estrutura a narrativa jornalística e a histórico-literária. Apesar das tensões que as dividem é preciso repensá-las a partir da linguagem, como um exercício de recodificação e ampliação das possibilidades historiográficas, literárias e jornalísticas.

As narrativas jornalísticas que se constroem sob o pressuposto das técnicas *litero-factuais* do Novo Jornalismo tomam como princípio a ideia de que a narrativa se apresenta como um lugar de produção de conhecimento, trazendo à baila a problemática da representação e pondo em evidência o lugar em que se inscrevem suas instâncias enunciativas, ratificando o caráter dialógico e polifônico do discurso jornalístico.

O Novo Jornalismo promoveu uma guinada estético-conceitual ao abordar e justapor na mesma unidade discursiva, elementos inerentes à *ficcionalização* como constructos narrativos.

Conforme explicita Hayden White (1994), o instrumento característico de codificação, comunicação e intercâmbio de que dispõe o historiador e, por extensão, o jornalista e o romancista, é a linguagem. Isso significa que o principal instrumento que eles apresentam para conferir sentido aos seus dados, tornar familiar o estranho e assimilável o passado ignoto são as técnicas de linguagem figurativa.

Dessa maneira, todas as narrativas pressupõem caracterizações figurativas dos acontecimentos que pretendem representar e explicar. “E isso significa que as narrativas históricas, consideradas meros artefatos verbais, podem ser caracterizados pelo modo figurativo em que são moldados”, no dizer de White (1994, p. 111).

O Novo Jornalismo praticado por Tom Wolfe (2005) pode ser assimilado como um conjunto de vozes entrelaçadas tanto com os valores jornalísticos e históricos quanto com os elementos de ficcionalização literária do romance realista. Wolfe (2005) consegue estruturar em *Radical Chique* uma tessitura narrativa cujo elemento

norteador tensiona as fronteiras discursivas sem suprimi-las ou invertê-las, mas problematizando as formas de representação da realidade.

A reportagem *Radical Chique* foi publicada inicialmente em 1970, compondo o livro *Radical Chique & O Terror dos RPs*. Na obra, Wolfe configura a representação da elite nova-iorquina do final da década de 60, cujo *ethos* estava fortemente ligado à militância política de grupos marginalizados no ambiente da contracultura do período, como, por exemplo, os integrantes do movimento negro, conhecidos como *Black Panthers* (Panteras Negras).

Pela representação de Wolfe (2005), a militância dos *Black Panthers* contava com o apoio das ricas famílias de Nova York, entre elas, a do milionário casal Leonard e Felicia Bernstein. Em seu livro, Wolfe (2005) idealiza uma festa organizada pelos Bernstein, em seu apartamento, na *Park Avenue*, na qual integrantes do movimento negro dividem espaço com socialites, bancários e corretores de imóveis, sugerindo, não de forma ingênua ou inocente, uma naturalidade na configuração das tênues relações que caracterizam a atitude radical chique.

A pena mordaz de Tom Wolfe (2005) esboça detalhes dos perfis, características cotidianas e diálogos em sua representação das contrastantes relações estabelecidas entre a elite de Nova York e seu suposto apoio aos ativistas do Partido *Black Panthers* na luta pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. Alijado do contexto histórico-social e das lutas em torno dos valores em jogo naquele contexto, a escrita de Wolfe nos permite apreender que a imparcialidade não faz parte do mundo secular das narrativas humanas: o que muda é apenas a perspectiva, a forma de abordagem e de produzir uma leitura dos “fatos” ou, pode-se inferir inspirados em White (1994), na própria produção/invenção dos fatos. Destaque-se o exemplo trazido de Wolfe (2005):

É indispensável ter criados. Ter criados se torna uma tal necessidade psicológica que se podem ouvir muitas mulheres da Sociedade hoje reclamarem honestamente do quanto é difícil encontrar uma babá para as crianças que substitua a babá permanente em seu dia de folga. A famosa mrs. C..., uma das viúvas mais ricas de Nova York, que tem um dúplex de dez cômodos em Sutton Place, na parte boa de Sutton Place e não na parte que parece Miami Beach, entenda-se, mas é, de alguma forma, absolutamente venenosa com os criados e não consegue conservar nenhum, a não ser diaristas, sempre se lamenta: “Que adianta todo o dinheiro do mundo se não se pode voltar para casa de noite e saber que vai haver alguém para pegar seu casaco e preparar um drinque para você?”. Existe angústia genuína por trás desse lamento!

Na era *Radical Chique*, então, que grande rota de colisão se estabelece entre a absoluta necessidade de criados – e o fato de que o criado era o símbolo absoluto daquilo contra o que os novos movimentos, negros ou pardos, lutavam! Como se tornou, então, absolutamente urgente a procura da única saída: criados brancos! (WOLFE, 2005, p. 188-189).

Como se pode perceber, na leitura do excerto acima, em meio à miríade de vozes que flutuam longe do “chão de barro” da tensa realidade histórica, a construção narrativa de Wolfe passa ao largo dos significados do *apartheid* social em voga nos

Estados Unidos da América. Não obstante, emergem em seu texto os elementos de um discurso bivocal, nos termos analisados por Bakhtin (2010).

Em *Radical Chique*, o discurso bivocal é adotado como elemento enunciativo da voz do outro, ou seja, Wolfe simula essa fala, socialmente definida da “mrs. C...”, apresentando os pontos de vista dela, suas incongruências, seus fingimentos e, principalmente, revolvendo as malhas discursivas e produzindo uma visão ou leitura que lhe interessa acerca do caráter político-social e “classista” que, nos limites de sua representação, permeiam o movimento *Black Panthers* nos Estados Unidos.

A passagem analisada inicia com a frase “É indispensável ter criados”, condensando a voz do autor-narrador e da “mrs. C...” de forma problemática e paradoxal. O fragmento situa lado a lado duas supostas realidades. A primeira delas mostra Wolfe, que surge no texto como o organizador paródico da narrativa: mostrando o emprego irônico e ambíguo do discurso do “outro”, paramentando-o de novo timbre e ressaltando a ironia, a zombaria e o deboche presentes na fala da “mrs. C...”, também uma criação sua.

A segunda “realidade” equilibra-se no tom esnobe e caricatural da “mrs. C...”, revelando que a “rota de colisão” do movimento radical chique opõem-se às efetivas necessidades da elite nova-iorquina, ou seja, o *establishment* “apenas” desloca o seu discurso, como forma de se adequar às ideias do *Partido Black Panther*. O “embranquecimento” dos criados não significa efetivamente uma mudança política ou social e, sim, forçosamente, a adoção de novos padrões discursivos e de aproximação ao movimento negro.

A criação ficcional de Wolfe não apenas aliena qualquer possibilidade de trânsito com a dinâmica dos movimentos pelos direitos civis, mas acentua o caráter ideológico de sua representação. Dessa forma, é a voz do “autor-criador”, encarnado por Wolfe, que se encarrega de ordenar as falas dos sujeitos discursivos e situá-las no âmbito da metáfora do diálogo.

Ao esboçar os aspectos factuais e literários de sua narrativa, o autor de *Radical Chique e o Novo Jornalismo* procura deixar transparecer sua visão acerca do caráter “artificial” e “dissimulado” da elite radical chique, cujo engajamento emerge mais como síntese de um modismo do que como catálise de uma postura político-social. Dessa maneira, promove o desdobramento do sujeito da enunciação na superfície do texto. Com isso, os espaços em que se manifestam os sujeitos discursivos tornam-se lugares relativizados, por aglutinarem dialogicamente distintos posicionamentos e “realidades”.

O que se enuncia na tessitura da narrativa de Wolfe é a superposição de diversos mundos e de várias consciências plenevalentes, que se coadunam na unidade da narrativa *literário-factual* como constructos polifônicos, no dizer de Bakhtin, para quem a polifonia pressupõe uma multiplicidade de vozes equipolentes nos limites de uma obra, “pois somente sob essa condição são possíveis os princípios polifônicos de construção do todo” (BAKHTIN, 2010, p. 39).

A voz de Tom Wolfe configura-se na narrativa do livro-reportagem *Radical Chique e o Novo Jornalismo* como o elemento orquestrador e tensivo do texto. Esse aspecto ambivalente pode ser percebido no seguinte fragmento:

Na era Radical Chique, então, que grande rota de colisão se estabelece entre a absoluta necessidade de criados – e o fato de que o criado era o símbolo absoluto daquilo contra o que os novos movimentos, negros ou pardos, lutavam! Como se tornou, então, absolutamente urgente a procura da única saída: criados brancos! (WOLFE, 2005, p.189).

Há aqui um corte abrupto na superfície do texto. Nesse momento, Wolfe denega a voz que vinha arquitetando o tom da narrativa e em seu lugar instaura a fala do sujeito discursivo que emerge pela voz do autor-personagem. Essa voz outra e díspare encarrega-se de tecer os comentários irônicos e de pôr a nu os senões que marcam sua opinião sobre o “comportamento” da elite radical chique.

Na estruturação do enredo de *Radical Chique*, Wolfe tensiona as categorias poli-fônicas e faz surgir a partir das dobras da narrativa, as ambivalentes relações entre os diferentes sujeitos discursivos, reunindo-os sob a metáfora do diálogo. A justaposição de diferentes vozes sociais corrobora para a delimitação estético-literária das personagens e para a constituição dos elementos simbólicos que as definem.

A atenção dada ao discurso de outrem pode ser percebida na tessitura da narrativa radical chique e no esboço acerca dos trajes utilizados pelos convidados do casal Bernstein, possibilitando a ideia de que o *status* de vida e a justaposição factual das cenas são tecidas para definir e informar sobre a personagem idealizada na narrativa:

É evidente que ninguém vai querer usar nada frívolo ou pomposamente caro, como um vestido de noite Gérard Pipart. Por outro lado, ninguém quer chegar “se fazendo de pobre” numa horrenda combinação de camisa de gola rulé e jeans boca-de-sino da rua 8 West, como se a pessoa fosse “funky” e do “nosso povo” (...). Felicia Bernstein parece entender melhor a coisa toda. Olhe para Felicia. Está usando a roupinha preta mais básica que pode imaginar, sem absolutamente nenhum ornamento, a não ser por um colar de ouro simples. É perfeito. Tem dignidade sem nenhum simbolismo aberto de classe (WOLFE, 2005, pp. 162-163).

Na passagem Wolfe ordena a tessitura do enredo de *Radical Chique* manejando técnicas do Novo Jornalismo - como os elementos de construção cena a cena e os detalhes simbólicos – e perscruta não apenas os pormenores representados na intriga narrativa, mas desvela os signos e os sentidos amortecidos pelo jogo de aparências forjado pela elite nova-iorquina.

A “roupa” constitui, nesse fragmento de *Radical Chique*, um elemento de diferenciação, de comportamento e de *status*. Portanto, apesar de os milionários de Nova York dividirem o mesmo espaço com os membros do *Partido Black Panther*, há uma aura de “requinte” que os afasta e que os distancia. A roupa de Felicia Bernstein representa o contraponto problemático do enredo. Felicia “forja” a si mesma como constructo,

como elemento de aproximação com a causa do movimento negro nos Estados Unidos. A “roupinha preta mais básica” de Felicia dissimula os aspectos “classistas” que estão subentendidos na postura da senhora Bernstein. A roupa disfarça o caráter paradoxal da cena e deixa em evidência as nuances problemáticas e implícitas da elite radical chique de Nova York, que se aproxima simbolicamente do *Partido Black Panther*; mas discursivamente mantém-se apartada do ideais do movimento negro.

A partir da utilização das técnicas do Novo Jornalismo, Wolfe consegue dispor na superfície do texto as contradições discursivas dos sujeitos inseridos na trama da narrativa, bem como, evidenciar de que maneira o “julgamento” do outro está previsto nas vozes (e atitudes) de suas personagens. Tom Wolfe vê no jornalismo o trabalho de um autêntico *arquitecto literário*, ressaltando a necessidade de colocar o leitor em posição visual de assimilar o acontecimento, como localizado em um espaço e tempo determinados.

Desse modo é que os aspectos literários, jornalísticos e históricos permeiam os ambientes representativos e simbólicos da prosa *litero-factual*, permitindo à imaginação variadas interpretações da realidade social, política e cultural.

Conforme aponta White (1994), a história busca retratar os fatos, denominar os acontecimentos. Mas a realidade narrada pela história pode ser construída, criada e recriada por meio dos textos. Por isso, White afirma que nos documentos históricos não há elementos que induzam a uma única interpretação. E por mais fiéis que sejam os fatos narrados, serão sempre representações do historiador (assim como a literatura é uma representação do ficcionista), condicionadas pela imaginação.

Para White (1994) nem mesmo o uso de documentos ratificam a “verdade”, pois eles são apenas formas de representação. Fornecem significados ao passado, mas isso não constitui a existência do referido passado tal qual foi narrado. Desse modo, a obra *Radical Chique* pode ser pensada como representação, porque constitui um produto de práticas simbólicas que se transformam em outras representações, abrangendo a elite de Nova York, o *Partido Black Panthers* e o contexto sociocultural em que estavam inseridos os Estados Unidos na década de 1960.

Analisando *Radical Chique*, constata-se que cada sociedade constrói sua ordem simbólica de se expressar por um sistema de ideias. Em outras palavras, a representação do “real” e/ou do imaginário são elementos de atribuição de sentido ao mundo. De acordo com White (1994), toda forma de conhecimento contém elementos de imaginação e ficção, não sendo essas características restritas à literatura: os fatos não “falam por si mesmos, mas que o historiador fala por eles, fala em nome deles, e molda os fragmentos do passado num todo cuja integridade é – na sua representação – puramente discursiva” (WHITE, 1994, p. 141).

O que White buscava com sua obra era mostrar que a narrativa histórica é uma ‘ficção verbal’, cujo conteúdo pode ser tanto ‘inventado’ quanto descoberto. Por con-

seguinte, a história pode se valer de seu caráter artístico e de seu caráter literário. E isso pode acontecer de forma positiva tanto na historiografia quanto na prosa jornalístico-literária, sem que ambas percam sua credibilidade.

Nesse sentido, os textos literários e jornalísticos, inclusive os históricos – por mais precisos que pareçam ser – são suscetíveis às leituras mais variadas. O autor Paul Ricoeur (2010) corrobora em alguns aspectos com os estudos de Hayden White (1994). Conforme o pensamento de Ricoeur (2010) é possível inclusive ler um livro de história como sendo um romance. “O incrível é que esse entrelaçamento da ficção à história não enfraquece o projeto de representância desta última, mas contribui para realizá-lo” (2010, p. 318).

Por isso, Ricoeur, assim como White, trabalham com a hipótese “de que a narrativa de ficção imita de certo modo a narrativa histórica” (RICOEUR, 2010, p. 323), pois segundo o estudioso, “narrar qualquer coisa é narrar como se isso tivesse se passado” (RICOEUR, 2010, p. 323). O autor acrescenta que a vida é vivida no presente, já a história é contada e é relativa a um vivido que foi e não é mais.

A partir dos pressupostos de White e Ricoeur, a caracterização do ideal radical chique pode ser interpretada como uma luta, por parte de seus integrantes (*Black Panthers*) ou como um modismo por uma outra parcela (elite Radical Chique). Esses aspectos levam os participantes a optarem por uma escolha meticulosa de signos que simbolizem um sentido aspirado - como a escolha minuciosa das roupas para que não pareçam nem tão sofisticados nem artificialmente pobres – mas, sim, unicamente modernos e sintonizados com a causa.

No excerto a seguir, Wolfe pontua as nuances em que se imiscui a voz discursiva do narrador-jornalista, dos *Black Panthers* e do *establishment* de Nova York. Nota-se que o ambiente tenso e contrastante em que estão imersos os *Black Panthers* e a elite radical chique contrapõem realidades político-sociais distintas: de um lado o movimento negro estadunidense e de outro o tom festivo e caricatural dos convidados de Felicia e Leonard Bernstein. No fragmento que será analisado, constata-se que a voz político-engajada dos *Black Panthers* cede lugar ao discurso soberbo e coquete da elite radical chique de Nova York:

Huuuuuummmmmmmmmmm. Estes belos pedacinhos de queijo roquefort cobertos com nozes moídas. Muito saborosos. Muito sutis. O jeito como o buquê seco das nozes engatinha pelo sabor intenso do queijo é que é tão bom, tão sutil. Imagino o que os *Black Panthers* comem aqui à guisa de *hors-d'oeuvre*. Será que os *Panthers* gostam de pedacinhos de queijo roquefort cobertos com nozes moídas assim, e de pontas de aspargos molhadas em maionese, e de *almôndegas petites au Coq Hardi*, que neste momento são oferecidas a eles em salvas de prata por criadas de libré preto e aventais brancos passados manualmente... O mordomo levará os drinques para eles... Negue se quiser, mas são as noites Radicais Chiques hoje em Nova York (WOLFE, 2005, p.155).

A festa dos Bernstein é apresentada por Wolfe a partir de uma descrição eminentemente sensorial, deixando transparecer os detalhes simbólicos e o *status* de

vida, fato que é explicitado pela utilização dos termos em francês (que demonstram a erudição da elite radical chique) e também por meio da sofisticação dos alimentos servidos aos convidados.

Por meio desses traços, é possível identificar o lugar social da voz que se enuncia na narrativa, permitindo a exploração de diversas ambiguidades, inclusive a auto-reflexão sobre os lugares de enunciação do autor-jornalista e sobre os discursos construídos na superfície do enredo *litero-factual*.

Wolfe conduz a narrativa como se ele mesmo fosse um membro da elite radical chique, em um momento assume a terceira pessoa, em outro atua como personagem do enredo. É o que se constata na passagem que segue:

Meu Deus, que enchente de ideias tabus passa pela cabeça nesses eventos Radicais Chiques... Mas é uma delícia. É como se as terminações nervosas estivessem em alerta vermelho para as nuances mais íntimas do *status*. Negue se quiser! Mesmo assim, é o que acontece com toda alma aqui. É o tema das maravilhosas contradições por todo lado. É como o delicioso tremor que se obtém quando se tenta juntar as extremidades de dois ímãs... *eles* e *nós*... (WOLFE, 2005, p. 161).

O autor de *Radical Chique e o Novo Jornalismo* harmoniza a organização do enredo jornalístico e transgride as convenções tradicionais, calcadas nos parâmetros do *lead* e da *pirâmide invertida*. Dessa maneira, Wolfe consegue transitar entre os vários pontos de vista. Ora está na terceira pessoa, assemelhando-se a um narrador ciente da necessidade de “isenção informativa”, ora exhibe a voz na primeira pessoa, no papel de narrador-personagem-testemunha, ora confere a fala a alguém que não é ele, quando assume o ponto de vista de uma personagem que vive a própria experiência radical chique.

Outro elemento bastante importante para a configuração da narrativa do Novo Jornalismo diz respeito ao fluxo de consciência. Essa ferramenta pode ser percebida no início do livro *Radical Chique*, quando Wolfe se coloca como se estivesse na mente de Leonard Bernstein. Uma característica marcante neste texto é a intromissão do narrador que vagueia pelo quarto feito um espectro e parece observar cada passo de Bernstein, colhe cada detalhe; supõe-se que Wolfe esteja lá:

As duas, três ou quatro da manhã, em algum lugar por ali, no dia 25 de agosto de 1966, na verdade seu aniversário de 48 anos, Leonard Bernstein acordou no escuro num estado de louco alarme. Isso já havia acontecido antes. Era uma das formas que sua insônia assumia. Então, fez o de sempre. Levantou e andou um pouco. Viu a si mesmo, Leonard Bernstein, o egrégio maestro, entrando no palco de gravata-borboleta branca e casaca diante de uma orquestra completa. De um lado do pódio do maestro há um piano. Ele senta na cadeira e pega a guitarra. Uma guitarra! Um desses instrumentos debilóides, como o acordeão, feito para o método Aprenda a Tocar em Oito Dias – Gráficos Fáceis, dirigido a adolescentes de catorze anos de Levittown com 110 de QI! Mas há uma razão. Ele quer passar uma mensagem antiguerra para uma imensa platéia de colarinho branco engomado no auditório sinfônico. Ele anuncia a todos: “Eu amo”. Apenas isso. O efeito é mortificador. Imediata-

mente um negro se levanta na curva do piano de cauda e começa a dizer coisas como: “A platéia está curiosamente envergonhada”. Lenny tenta começar de novo, toca alguns números rápidos no piano, diz: “Eu amo. Amo ergo sum.” O negro levanta de novo e diz: “A platéia acha que ele deve se levantar e sair. A platéia pensa: ‘Tenho vergonha até de cutucar meu vizinho.’” Por fim, Lenny profere um emocionado discurso antiguerra e sai. Por um momento, sentado sozinho em sua casa, de madrugada, Lenny pensou que aquilo podia até funcionar e anotou a idéia. Pense só nas manchetes: BERNSTEIN ELETRIZA PLATÉIA DE CONCERTO COM APELO ANTIGUERRA. Mas então o entusiasmo se abate. Ele perdeu a coragem. Quem era aquele bendito negro que levantava do piano e informava ao mundo que Leonard Bernstein estava fazendo papel de idiota? Não fazia sentido, esse negro superego no piano de cauda de concerto (WOLFE, 2005, p. 154-5).

A narrativa descreve o delírio do maestro Leonard Bernstein. O enredo apresenta o egrégio regente fazendo um discurso antiguerra durante um concerto. A cena é composta pela presença do “superego” (p. 155) do maestro – um negro no piano de cauda. As cenas aparentemente desconexas serão explicitadas mais à frente. O superego de Leonard Bernstein, na verdade é o Marechal de Campo do *Partido Black Panther*, Don Cox (p. 168), que durante a festa oferecida pelo casal Bernstein, vai proferir os dez pontos do *Partido Black Panthers* para elite nova-iorquina.

A utilização do fluxo de consciência, segundo Wolfe (2005), tem a finalidade de revelar o que pensa ou sente a personagem. A captação do fluxo de consciência é bastante complexa e levanta muitas questões, principalmente, pelos obstáculos encontrados pelos jornalistas para provar que efetivamente captaram os pensamentos das pessoas ou dos entrevistados.

Por outro lado, Watt (2010) acrescenta que os romances ao investirem na consolidação do tempo e na interseção entre as experiências do passado e do presente, legaram para o romance realista uma narrativa mais completa e coesa. Para o autor inglês, o romance consolida também outro aspecto do enredo – o fluxo de consciência – que também pode ser percebido em *Radical Chique*:

O romance de fluxo de consciência (...) se propõe apresentar uma citação direta do que ocorre na mente do indivíduo sob o impacto do fluxo temporal; em geral, porém, mais que qualquer outro gênero literário, o romance se interessou pelo desenvolvimento de suas personagens no curso do tempo. Por fim, a descrição detalhada que o romance faz das preocupações da vida cotidiana também depende de seu poder sobre a dimensão tempo (WATT, 2010, p. 23).

O fluxo de consciência alia-se também à individualização das personagens, à apresentação minuciosa dos ambientes e à preocupação em situar os acontecimentos em tempo-espaço definidos.

Wolfe se apropria no decorrer do enredo do livro-reportagem *Radical Chique e o Novo Jornalismo* dos trejeitos e dos modos de falar da elite nova-iorquina, contudo, sua posição assume na superfície da narrativa um tom irônico e zombeteiro. Dessa forma, o autor-personagem encarnado por Wolfe busca reverter as ideias consolidadas e ins-

taurar um ato de apropriação refratada das vozes sociais presentes no texto, de modo a poder ordenar um todo estético, salvaguardado em um conjunto de relações dialógicas.

O autor de *Radical Chique* desmonta os estereótipos da elite de Nova York, que é apresentada como exemplo de sofisticação e consciência política, apresentando-a efetivamente como símbolo de uma mentalidade hipócrita, preconceituosa e conservadora. Nesse aspecto, Wolfe se aproxima das abordagens que Bakhtin (2010) faz sobre as personagens de Dostoiévski, guardadas as devidas ressalvas entre o escritor russo e o jornalista americano.

Segundo análise de Bakhtin (2010) sobre a obra do autor de *Crime e Castigo*, não interessa a personagem como fenômeno da realidade, dotada de traços típico-sociais e caracterológico-individuais, formado por características objetivas que, no seu conjunto, apenas respondem à pergunta: “quem ele é?”.

Para Bakhtin, a personagem interessa a Dostoiévski e, por extensão, para Tom Wolfe, como ponto de vista específico sobre o mundo e sobre si mesma, como posição racional e valorativa do homem em relação a si mesmo e à realidade que o cerca. Desse modo, constata-se que para Wolfe não importa o que a sua personagem é no mundo, mas, acima de tudo, o que o mundo é para a personagem e o que ela é para si mesma.

Segundo Bulhões (2007), a ambivalência formal permite que Wolfe passeie entre a onisciência do narrador tradicional e o personalismo do autor-narrador, fazendo com que sua prosa discursiva mantenha um equilíbrio problemático entre as personagens, o autor e a intriga do enredo.

A miscelânea na técnica narrativa, a fragmentação formal e o sentido de ambivalência no tratamento do conteúdo conferem ao livro *Radical Chique e o Novo Jornalismo* um saldo que testemunha o sentido da busca peculiar ao próprio contexto em que a obra se realizou, mostrando os aspectos da contracultura e do movimento negro nos Estados Unidos.

A narrativa da reportagem de *Radical Chique* emerge, desse modo, como elemento ordenador dos discursos jornalístico, histórico e literário, unificados, dessa maneira, sob a metáfora do diálogo e realizando-se de forma conflitante entre o autor-personagem (Wolfe), a elite radical chique e o movimento negro estadunidense (*Black Panthers*). Dessa maneira, a procura por garantir espaço à multiplicidade de vozes sociais direciona a tessitura do enredo a um recorte diferenciado do real e da factualidade das personagens representadas, fazendo com que a intriga narrativa do Novo Jornalismo engendre novos interpretantes, sentidos e significados para a “realidade” social, cultural e histórica.

Considerações finais

Ao se analisar as confluências literárias e ficcionais em *Radical Chique e o Novo Jornalismo*, buscou-se traçar pontos de encontro, tangência e de atrito entre as narrativas literária, jornalística e histórica. No artigo, procurou-se compreender como as técnicas do Novo Jornalismo se aproximam dos mecanismos formais da literatura, apontando para a representação da realidade histórico-jornalística.

O Novo Jornalismo proposto por Wolfe volta-se para a literatura almejando investigá-lo não como documento ou autenticidade do fato, mas enxergando-o como dimensão da narrativa, possibilitando questionamentos e problematizações, abrangendo a confluência entre as tramas dos enredos da literatura, das reportagens e da história.

Em *Radical Chique*, a ficção insinua-se como instância representativo-simbólica das fabulações narrativas contidas no interior do livro-reportagem. Em Wolfe, as técnicas literárias delineiam e configuram as formas de pensar e agir do fazer histórico-literário e também do jornalístico. Os fatos narrados não se apresentam como dados acontecidos, mas como possibilidades, como posturas de comportamento dotadas de credibilidade e significância.

O estudo da narrativa *litero-factual* de *Radical Chique* supre, portanto, a função de representar as práticas diárias e cotidianas como instrumentos de combate, de conscientização e reflexão sobre as nuances das “realidades” sociais e culturais do compósito jornalístico.

A obra de Wolfe possibilita, por conseguinte, a criação de um imaginário que abarca os traços do “real”, subvertendo-os e problematizando-os. Dessa maneira, o Novo Jornalismo reproduz aspectos contrastantes e ambivalentes sobre a vida e sobre a forma de enunciá-los narrativamente.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

DOMINGUES, Juan de Moraes. **A ficção do Novo Jornalismo nos livros-reportagem de Caco Barcellos e Fernando Moraes**. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010. (Volume III)

WATT, Ian. **A ascensão do romance**. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso: ensaios a crítica da cultura**. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Edusp, 1994.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.